

PALCO

JUIZ DE FORA, ABRIL 2013. ANO V. Nº 30

JUIZ DE FORA CAMINHOS DA CULTURA

Pensar a cultura. Essa parece ser uma das atividades mais complexas dentro de um contexto cultural como o de Juiz de Fora, sobretudo se analisado historicamente, pois entender o passado e, revestido desse olhar, vislumbrar o presente e traçar perspectivas futuras parece ser fundamental. Ao refletir sobre a conjuntura atual, o diretor-superintendente da Fundação Museu Mariano Procópio, Douglas Fasolato, que também é historiador, resgata do passado personagens que perderam lugar na atualidade. Ele se refere aos articuladores culturais que, agrupados em movimentos, lutavam pelas questões da cultura: "O que eu observo historicamente é que, enquanto esses movimentos estavam unificados em propósitos comuns, eles tinham essa força mais expressiva. Eu acho que é esse o grande diferencial do movimento cultural. Hoje, eu observo que as demandas

logar e fazer coisas juntos com o intuito de a cidade ganhar mais", diz. Do antigo "Farol de Minas" às luzes de LED pós-modernas, Juiz de Fora se consolidou culturalmente. "Caminhamos para um crescente", aponta Sueli. Para Fasolato, estar envolvido com a cultura é fazer um "trabalho persistente, diário, continuado, para alcançarmos os resultados".

LACUNAS E OPORTUNIDADES

No rastro dessa produção crescente, os artistas locais buscam cada vez mais se profissionalizar. E Juiz de Fora oferece estrutura, principalmente nas áreas de música e de artes plásticas, em que conta com cursos de nível superior (IAD/UFJF), além de escolas tradicionais, como o Centro Cultural Pró-Música e o Conservatório Estadual de Música



NESTA EDIÇÃO

CULTURA
COMPROMISSO DE
TRANSFORMAÇÃO

MAMM
REFLEXÃO E EMOÇÃO

PATRIMÔNIO MUNICIPAL
MEMÓRIA COLETIVA

ARTHUR ARCURI
LEGADO MODERNISTA

30ª BIENAL DE SP
DIÁLOGO
CONTEMPORÂNEO

são individuais. A partir do momento que um pretendente consegue o seu propósito, ele não está aliado ao outro".

O financiamento público, via leis de incentivo, tem sido um caminho para viabilizar a produção cultural nessa conjuntura. Juiz de Fora é a única cidade não capital que possui uma unidade do Espaço Cultural dos Correios, cujos editais de patrocínio garantem integralmente o financiamento de exposições. A gestora do espaço na cidade, Sueli Navarro, aponta que isso já é um ganho para a população, que tem a oportunidade de estar em contato com obras e exposições que só poderiam ser vistas nos grandes centros. Tal fato evidencia um ponto primordial: o público. "Se não enxergarmos o público como prioridade, estaremos falhando nos nossos propósitos", diz Fasolato, referindo-se à necessidade de haver espectadores nos eventos culturais e de se repensar a questão. "Não podemos ter uma ditadura cultural, de dizer que quem mora no bairro A vai gostar de funk, e que a classe A vai gostar de música erudita", diz.

A formação do público é fundamental para cultivar uma sociedade sensibilizada culturalmente. O Espaço Cultural Correios promove essa formação quando estipula essa iniciativa em seus editais. "O proponente da mostra recebe esse valor [do financiamento] e se incumbe de trazer crianças e jovens [o espaço recebe em média 300 crianças por exposição], com transporte e lanche, para que elas aqui possam desenvolver alguma atividade cultural. Assim, a gente consegue formar um novo olhar," salienta Sueli.

A união entre as instituições públicas e privadas, e entre diferentes atores culturais, pode revigorar o sentido de cultura como elemento de transformação social. O intercâmbio entre a universidade, a comunidade acadêmica e a cidade pode ser precursor de outros bons movimentos. "A UFJF tem promovido avanços significativos na questão da cultura", diz Fasolato. Já Sueli acredita que "essa integração é muito necessária para que esses mecanismos possam dia-

Haydée França Americano. Porém, existe uma lacuna nas artes cênicas. Os cursos de pequena duração e as oficinas de teatro promovidos na cidade não dão suporte suficiente para os artistas. Para o diretor e ator Marcos Marinho, "o teatro é uma arte muito crítica e muito profunda no sentido de mergulhar na alma humana; então, não basta ler um texto. Um ator deve estar bem preparado em todos os sentidos, física, psicológica e intelectualmente".

Diretor do Centro Cultural Pró-música, Júlio César de Sousa Santos vê o momento atual como boa oportunidade de produzir e acredita que "as instituições que trabalham com cultura em Juiz de Fora têm muita tradição, e isso favorece o amadurecimento e a qualidade para os trabalhos desenvolvidos". Para a escritora e editora Laura Assis, no entanto, muito do que é produzido advém do incentivo da Lei Murilo Mendes. "Mas falta fazer circular a produção: muita gente grava CD, lança livros, mas aquilo não sai, não flui, a produção não é consumida, as pessoas não conhecem", diz.

Quanto ao público, que nem sempre prestigia ou tem acesso a essa produção, há escassez de pesquisas destinadas a conhecer como os artistas buscam seus espectadores, como estes respondem e como operam seus intermediários. Apesar das inovações tecnológicas, que deslocam espaços, é pouco comum os artistas terem em mente os contornos do público para o qual produzem.

A jornalista e pesquisadora Fernanda Fernandes diz que "o marketing busca fórmulas para esmiuçar em detalhes e classificar tudo o que puder muito além dos quatro Ps (preço, praça, produto e promoção), a fim de vender melhor o seu mix; mas tratar a cultura como um produto é reduzi-la. Fazer isso pode ajudar a vendê-la, mas ela sempre terá a capacidade de fugir desses aspectos promocionais de algum jeito". Embora a indústria cultural tenha criado alguns padrões que asseguram, ou melhor, seguram a audiência, o sucesso nunca é 100% garantido.



CULTURA POTENCIAL TRANSFORMADOR

Esfera fundamentalmente humana, a cultura, no seu sentido mais amplo, é inescapável: já nascemos sob seus condicionantes e assim temos nossas atitudes, pensamentos, valores e comportamentos conformados por ela. Ela é a linha firme, mas sutil, que nos costura à realidade e a lente com que olhamos e interpretamos o mundo. A cultura nos atravessa, e somos o que somos em razão dela. Contida nesse conceito mais geral, há uma parcela mais restrita da cultura, que diz respeito às diversas expressões artísticas, essencial para a (trans)formação e o crescimento das pessoas como seres humanos e como cidadãos. No confronto desses sentidos, a cultura paradoxalmente nos limita e nos liberta.

Apostando nesse caráter transformador da cultura – na cultura como ferramenta de desenvolvimento de potencialidades e, por extensão, de mudança social –, a Universidade Federal de Juiz de Fora, através da Pró-reitoria de Cultura, assume o compromisso de dar oportunidade às pessoas de travarem contato com as manifestações artísticas, formando público e ampliando o acesso à produção cultural, ao mesmo tempo em que aproxima a universidade de toda a comunidade e reconhece a necessidade e a importância de se fortalecer os laços com os demais centros gestores da cultura no município.

Na atual conjuntura nacional de acessibilidade, é urgente que a cultura participe do amplo movimento de inserção social que está mudando o país. Não há nada tão impactante como instrumento transformador quanto a cultura e o seu poder de educar e provocar o debate e a reflexão, de combater preconceitos, mudar perspectivas e abrir horizontes, muito além do mero entreter. Investir na política social da cultura é estar convicto dessa sua dimensão pedagógica e revolucionária, que está diretamente relacionada à sua transversalidade: a cultura perpassa todos os setores da vida social e hoje é, mais do que nunca, estratégica, devendo assumir, em função inclusive de seu impacto econômico, protagonismo nas ações públicas.

Tendo essas considerações em vista, é papel da universidade como instituição educadora ser um agente desse potencial de transformação da cultura. Como fazer isso? Em primeiro lugar, promovendo a acessibilidade através de iniciativas de formação de público, por duas vias: a que leva o público aos espaços culturais da universidade e a que, na contramão, leva esses espaços aonde o público está. Um órgão de tamanha riqueza e significado como o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), por exemplo, precisa chegar às escolas, ser reconhecido pelo cidadão como um patrimônio de todos. É preciso educar o olhar e o ouvir – fundamentais para a compreensão da arte –, aparelhar a sensibilidade para o inusitado, o desconhecido, o provocador, o questionador da criação artística, capacitando o cidadão a melhor fruir uma obra. É também necessário criar novas referências para as gerações futuras, oferecendo oportunidades de revelação de novos artistas e produtores culturais, conhecendo e divulgando essa nova produção, e provocar o diálogo entre as diferentes expressões culturais e artísticas. Quando falamos em acessibilidade, pensamos ainda nos espaços físicos do *campus*, frequentados por um público flutuante, que podem ser canais promotores de contato com a cultura.

Por fim, torna-se estratégico para a universidade, em função do peso de sua presença na vida de Juiz de Fora e região, articular sua intervenção às ações dos demais agentes culturais do município, estabelecendo uma rede focada na gestão da cultura como fator de desenvolvimento humano. Com seus códigos e subjetividades, a cultura (e a arte) não só constrói e consolida nossa identidade, como é fator de inclusão e coesão social, na mesma medida em que estimula o diálogo e promove a pluralidade e a diversidade. Dessa forma, contribui para o exercício pleno da cidadania e multiplica as escolhas e os caminhos possíveis.

Gerson Guedes
Pró-reitor de Cultura

MAMM NOVOS TEMPOS



Um dos objetivos de Nícea Helena Nogueira como diretora do Museu de Arte Murilo Mendes é que o MAMM seja um espaço acolhedor e que captive pessoas de todas as idades através de uma programação de qualidade, a fim de cumprir a função das instituições de cultura e arte, que é ampliar visões de mundo, gerar reflexão, emocionar e inquietar. Nícea ressalta que o juiz-forano não precisa ir muito longe para conhecer grandes artistas e visitar renomadas exposições. “Juiz de Fora é uma cidade muito rica, que possui um valor cultural imenso. Além disso, apresenta uma excelente localização e grandes

casas culturais”, diz a diretora. Aproveitando desse privilégio, a principal meta dessa gestão é destacar o MAMM nacionalmente e atrair todos os tipos de público, oferecendo uma programação diversificada, que convide a população a conhecer e a visitar o museu frequentemente.

Convidada para o cargo pelo pró-reitor de Cultura, Gerson Guedes, e pelo reitor, Henrique Duque de Miranda Chaves Filho, Nícea assume a diretoria do MAMM até fevereiro de 2015. Visitante frequente dos

eventos realizados no museu, e à frente de diversas parcerias realizadas na gestão do professor José Alberto Pinho Neves, Nícea recebeu o convite com muita alegria: “É o reconhecimento de toda uma vida de trabalho. Estou muito orgulhosa de estar à frente dessa instituição”, declarou.

Mãe de duas filhas, Mariana e Beatriz, ela vê a cultura como elemento formador e tenta transmitir a elas, assim como recebeu de seus pais a importância da literatura e das artes para o desenvolvimento humano. Tendo como referência a sua formação, as suas vivências e grandes instituições brasileiras como o MAM do Rio de Janeiro, o Instituto de Arte Contemporânea e o Jardim Botânico Inhotim, e muitos outros, a nova diretora pretende trazer grandes exposições para a cidade, tentando sempre estabelecer um diálogo com o acervo de Murilo Mendes. “Além de patrono da instituição, Murilo é um grande representante da literatura juiz-forana e teve seu perfil intelectual cunhado nessas terras.”

Nascida em Maringá, no Paraná, Nícea veio morar em Juiz de Fora após receber um convite de trabalho em 1997. Formada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (PR) e com mestrado e doutorado em Teoria da Literatura pela Universidade Estadual Paulista (SP), Nícea realizou pesquisas em Cambridge, Inglaterra, durante três anos, e possui uma formação cultural, influenciada pela literatura brasileira, francesa, inglesa e russa. Ela atuou como redatora, tradutora e docente em diversas instituições, como as faculdades Suprema, Unipac, Vianna Junior e CES/JF (onde foi diretora do Centro de Pesquisa e como coordenadora do mestrado em Literatura Brasileira). Atualmente, é professora adjunta da UFJF, no Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras.



PATRIMÔNIO MUNICIPAL 30 ANOS DE PRESERVAÇÃO

Com início na década de 30, o interesse do governo federal em preservar a memória do país se fez oficial através do decreto-lei 25 de 1937, que garante a conservação e a restauração do patrimônio histórico e artístico nacional. Inicialmente, os primeiros lugares a serem beneficiados e protegidos foram as locações de caráter hegemônico pertencentes às forças militares ou à Igreja Católica. Só muitas décadas depois, o tombamento de moradias foi realizado.

Em Juiz de Fora, porém, só a partir do final dos anos 1970, com pressão da sociedade e a realização de um pré-inventário dos bens culturais da cidade na gestão do então prefeito Mello Reis, o município começou a tomar medidas efetivas de proteção para seus bens arquitetônicos e históricos. O instrumento de tombamento foi instituído em 1982, pela Lei nº 6.108, e os primeiros bens foram tombados no ano seguinte, em 19 de janeiro de 1983: Cine-Theatro Central, Câmara Municipal, Castelinho da Cemig, Mascarenhas, Grupos Centrais, Museu Mariano Procópio, Paço Municipal (hoje Funalfa) e Usina de Marmelos. Com mais de 150 bens culturais tombados desde então, a cidade vem tentando preservar a memória coletiva. De acordo com o restaurador de artes plásticas Aluísio Arnaldo Nunes de Castro, esse interesse pela preservação surgiu muito tardiamente, e somente depois de diversas mudanças políticas e conscientização foi dedicada maior atenção ao tema. Ele afirma que “muita história se perdeu”.

Há três níveis de tombamento: na esfera federal, é garantido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), enquanto no âmbito estadual é realizado pela Iepha (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) e, no municipal, cabe ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (COMPPAC), da Fundação Alfredo Ferreira Lage (Funalfa). Em todos os âmbitos, seja a nível nacional ou regional, o processo é semelhante.

Em entrevista ao *Palco*, o superintendente do Iphan em Minas Gerais, Mário Ferrari, explica que “o processo é demorado, mas essencial. Para que haja um tombamento, é necessário um interesse do proprietário, ou da comunidade. No caso do Iphan, deve-se provar o valor de excepcionalidade a nível nacional”. Primeiramente é necessário montar um dossiê contendo o histórico do imóvel, o método construtivo, plano arquitetônico e muitas outras informações. Após essa etapa, o local é registrado como bem tombado e não pode ser demolido ou modificado.

Em Juiz de Fora, há três bens tombados de caráter nacional, o Cine-Theatro Central, que teve sua preservação em âmbito federal oficializada em 1994; o Marco Comemorativo do Centenário da cidade, e o acervo do Museu Mariano Procópio. A cidade ainda tem bens preservados pelo Iepha, como o Museu do Crédito Real e seu acervo, o conjunto arquitetônico e paisagístico e o acervo da Usina de Marmelos Zero, o das Estações Ferroviárias e o Museu Mariano Procópio. Atualmente, o governo federal oferece mecanismos de incentivo à preservação dos patrimônios nacionais, em uma parceria da prefeitura com o Iphan e a Caixa Econômica Federal, que proporciona um financiamento específico para o proprietário que pretende restaurar o imóvel tombado, a quem é assegurado prazo de 20 a 30 anos para quitá-lo, sem juros. Outro incentivo realizado pelos municípios é a inserção do IPTU desses locais.

Mário Ferrari diz que há muitos mitos sobre o tombamento e que, às vezes, há resistência do proprietário do patrimônio, que não vê a importância do registro e da conservação do imóvel. O proprietário de um bem tombado tem o direito de fazer alterações na propriedade, desde que a obra seja autorizada e fiscalizada. A única exigência é que a fachada permaneça no mesmo traço arquitetônico e que as cores sejam correspondentes ao estilo.

MA

ARTHUR ARCURI LEGADO MODERNISTA

Já dizia Mario Quintana que a música é a arquitetura do tempo, e a arquitetura é a música do espaço. Antes dele, Goethe visualizou a arquitetura como música petrificada. O poeta brasileiro e o expoente alemão do romantismo europeu do final do século XVIII propõem um diálogo entre as artes que abarca outro memorável nome: Arthur Arcuri. De Juiz de Fora, filho do comendador Pantaleone Arcuri, engenheiro por formação e arquiteto por vocação, pioneiro modernista reconhecido por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e professor de história da arte, Arthur Arcuri, que teria completado 100 anos em fevereiro, é um dos mais importantes personagens da história da cidade e do Brasil.

Para Alice Arcuri, antes de pai da arquitetura moderna em Juiz de Fora, Arthur foi simplesmente pai. “Ele era uma pessoa serena, uma pessoa calma, tranquila, tinha muito equilíbrio. Ele era muito correto. Ele me dizia que a palavra de um homem vale tudo, mais que um documento!” recorda. Alice conta sobre o homem que viajava com a família para a praia, e, no entanto, ficava à sombra, entretido com os livros que levava: “Foram raros os banhos de mar que meu pai tomou. Ele sentava-se numa cadeira com guarda-sol, debaixo de árvores, e ficava lendo e contemplando a natureza”.

A postura compromissada com os estudos, ao longo de sua vida, fez com que Arthur, um autodidata exemplar, formasse um olhar diferenciado sobre arquitetura, que resulta nos traços marcantes do arquiteto. Entre os assuntos que circundam e constroem a notória obra de Arcuri, destacam-se leitura técnica, literatura, direito, filosofia, estética, fotografia, lógica, acústica e artes plásticas. “Em filosofia, tem vários escritos que ainda não foram mostrados; muitos escritos de estética também”, revela a filha.

O professor do departamento de História da UFJF, Marcos Olander conheceu Arcuri quando veio lecionar a disciplina de História da Arte e da Arquitetura, inaugurada por Arthur na universidade. “Com o

Arthur, na verdade, eu tive, mais que uma relação de estudo, uma relação de amizade. Logo depois, eu me interessei em estudar o Arthur, e vi que efetivamente é uma obra de vulto”, aponta Olander, que endossa que a “sensibilidade, a erudição e o conhecimento em relação às artes era algo fantástico” em Arcuri.

Olander acredita que Arcuri trouxe o debate modernista para a cidade, não só na arquitetura, mas também nas artes plásticas. “Ele motivou as pessoas a romperem com os padrões mais clássicos ou tradicionais nas artes plásticas”. Para ele, Arcuri possuía um profundo conhecimento da produção artística do seu tempo: “Ele não só conhecia os artistas, os pintores, escultores e arquitetos, mas também conhecia aqueles pensadores que estavam na base da estruturação do pensamento desses artistas”, diz.

No ano do centenário de nascimento de Arthur Arcuri, um calendário de atividades comemorativas foi elaborado para homenageá-lo, como o relançamento da exposição “Arthur Arcuri: um ‘pingente’ da arquitetura”, entre 23 de abril e 20 de maio, no Saguão da Reitoria da UFJF, no *campus*, e a exposição de fotografias feitas pelo engenheiro, que será uma das atrações da 2ª Bienal de Arquitetura da Zona da Mata e Vertentes, prevista para setembro.



Foto: Arquivo Pessoal, 1975.

JO

AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

EXPOSIÇÕES

14.03 a 15.04 *Haiti – (Re) Construção* – fotos de Luciano Teixeira
Saguão da Reitoria
23.04 a 20.05 Arthur Arcuri – *Um pingente da arquitetura*
Saguão da Reitoria

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

11.04, 21h30 *Djavan, Rua dos Amores*

MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

30ª Bienal de São Paulo:
Seleção de obras
Galeria Convergência

Murilo Mendes: o passeante moderno dos museus
Galeria Retratos-relâmpago

Homenagem a Kounellis, Cesar Brandão
Galeria Poliedro

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

08.04 a 28.04 *Exposição de charges e caricaturas, de Alberto José Carlos Pinto*
Galeria Renato de Almeida

SHOW

09.04, 20h *Terças Musicais Chega de Saudade (Joãozinho da Percussão)*
Teatro Pró-Música/UFJF

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA

Avenida Brasil, 2.001
http://www.pjf.mg.gov.br

SEMINÁRIO

23.04 a 25.04 *III Seminário "Olhar sobre o que é nosso - As transformações da cidade e seus bens integrados"*
Auditório do Banco do Brasil
Rua Halfeld, 770

ESPAÇO CULTURAL DOS CORREIOS

Rua Marechal Deodoro, 470

04.04 a 18.05 *União & Indústria: uma estrada para o futuro*



Hans Eijkelboom. *Photo Notes* – A selection from the photographic diary, 1992-2012. Cprint, 207 trabalhos, 50 cm x 60 cm

30ª BIENAL NO MAMM COMUNICAÇÃO POÉTICA

A 30ª Bienal de São Paulo – *A iminência das poéticas* chega ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) mostrando ao público aquilo que há de mais provocador e estimulante na arte contemporânea. É a segunda vez que Juiz de Fora recebe uma versão itinerante da Bienal. Partindo de uma seleção de obras da mostra, a organização enfatiza, em cada lugar que visita, um determinado aspecto do acervo originário. No caso de Juiz de Fora, as obras escolhidas pela curadoria enfocam temas como a natureza e o tempo, além de trazer à baila discussões acerca de variações dos tipos humanos. Ao todo são dez artistas – oito estrangeiros e dois brasileiros –, explorando diversas formas de expressão: gravura, fotografia, pintura e vídeo.

De modo diferente do tradicional, a 30ª Bienal não estabelece um tema específico. A ideia era justamente propor algo que pudesse dar ensejo aos artistas para seguirem seus gostos pessoais, mas que, no resultado de conjunto, produzisse um diálogo. Nesse sentido, o subtítulo, *Iminência das Poéticas*, explica bastante o espírito da exposição. Iminente, no dicionário, entre outros significados, também quer dizer aquilo que é imediato, próximo. Essa ideia sistêmica da arte como um tecido no qual os diversos significados simbólicos estão unidos por vasos comunicantes, formando uma espécie de todo orgânico, sempre frutifica em novos ângulos e abordagens sobre os mais variados assuntos. “As obras de arte produzem significado apenas em sua relação, e não individualmente. Elas não são seres isolados, existem através de impulsos sistêmicos, simultaneamente análogos e diferenciais”, afirma Luiz Pérez-Oramas, curador desta edição da bienal.

IDENTIDADE E DIVERSIDADE

Dentre os trabalhos apresentados no MAMM, destaca-se o do holandês Hans Eijkelboom, que, através das lentes de sua máquina, capta diversos padrões sociais espalhados pelo mundo. Em suas obras, agrupa fotos de pessoas de sexo e faixas de idade diferentes. O ponto significativo é que todas estão usando o mesmo tipo de vestuário, sugerindo a tênue relação entre individualidade e coletividade. Registrar a identidade de um povo e nela encontrar as variantes da existência humana são os objetivos da obra de Frédéric Bruly, oriundo da Costa do Marfim. O artista utiliza desenhos acompanhados de textos para documentar os costumes, crenças e conhecimentos do seu povo. O mote de seu trabalho gira em torno de temas decisivos para a humanidade: a vida, a morte, o amor e as relações do homem em sociedade com o meio.

Seguindo por uma vertente completamente distinta, o sueco Andreas Eriksson costuma tratar da natureza e da matéria em seus trabalhos, explorando os assuntos de diferentes formas, da pintura à instalação, passando pela escultura e pela fotografia. A visão de uma natureza bela e, ao mesmo tempo, frágil e efêmera permeia sua obra. Jogos entre a realidade e o ilusório também são característicos de Eriksson. Quem também interroga sobre os limites do real é Fernando Ortega. O artista mexicano de olhar atento busca, nas situa-

ções cotidianas, aqueles aspectos ignorados. De caráter performático, seu trabalho utiliza imagem, sons e objetos fora de suas funções habituais, a fim de amplificar seus significados.



Alair Gomes. *Sonatinas, Four Feet nr.13*, c. 1977. Impressão em gelatina e prata 5 imagens, 11,5 x 17,5 cm.

O trabalho dos brasileiros Alair Gomes e Sofia Borges são bem distintos quanto ao conteúdo, embora utilizem a fotografia como meio de expressão. Enquanto Sofia, manipulando variados recursos técnicos, provoca o público com fotos que geram estranhamento e dúvida – interrogando o espectador sobre a natureza da fotografia, se seriam montagens ou situações captadas num relance –, a obra de Gomes explora o corpo masculino com fotos de homens em poses que aludem às famosas esculturas da arte clássica, sugerindo a concepção de uma realidade vista sob a ótica idealizada.

EXPERIÊNCIAS COMUNS

A Bienal também possui um caráter formativo. Por essa razão, atividades ligadas à arte-educação também serão promovidas. Segundo o arte-educador do MAMM Vinícius Steinbach, “o intuito é aproximar o público das obras, mostrando que mesmo um trabalho sofisticado usa como matéria-prima as experiências comuns a todos”. Os trabalhos educacionais serão divididos em duas etapas. A primeira, orientando e treinando professores, com o objetivo de que eles possam preparar os alunos e aplicar atividades em sala após a visita. Na segunda etapa, acontece a visita dos alunos, na qual são realizadas atividades educativas que buscam despertar a consciência artística dos participantes.

Na opinião da diretora do MAMM, Nícea Helena Nogueira, “a Bienal projeta Juiz de Fora no cenário artístico internacional, por trazer obras de importantes artistas estrangeiros e brasileiros. Além de oferecer uma oportunidade ímpar para que o público da região possa ter contato com o que há de melhor na arte contemporânea”.

Depois de passar por Belo Horizonte, a 30ª Bienal de São Paulo fica em Juiz de Fora, na Galeria Convergência do MAMM, até dia 02 de junho. Após essa data, a exposição visitará as cidades de São José dos Campos, Ribeirão Preto, Bauru, Campinas, Araraquara e São José do Rio Preto.

TM